

INSTRUÇÕES

1. Confira, abaixo, o seu número de inscrição, turma e nome. Assine no local indicado.
2. Aguarde autorização para abrir o caderno de prova. Antes de iniciar a resolução das questões, confira a numeração de todas as páginas.
3. A prova desta fase é composta de 10 (dez) questões discursivas de Filosofia.
4. As questões deverão ser resolvidas no caderno de prova e transcritas na folha de versão definitiva, que será distribuída pelo aplicador de prova no momento oportuno.
5. A interpretação das questões é parte do processo de avaliação, não sendo permitidas perguntas aos aplicadores de prova.
6. Ao receber a folha de versão definitiva, examine-a e verifique se o nome impresso nela corresponde ao seu. Caso haja qualquer irregularidade, comunique-a imediatamente ao aplicador de prova.
7. As respostas das questões devem ser transcritas **NA ÍNTEGRA** na folha de versão definitiva.
Serão consideradas para correção apenas as respostas que constem na folha de versão definitiva.
8. Não serão permitidas consultas, empréstimos e comunicação entre os candidatos, tampouco o uso de livros, apontamentos e equipamentos eletrônicos ou não, inclusive relógio. O não-cumprimento dessas exigências implicará a eliminação do candidato.
9. Os aparelhos celulares deverão ser desligados e colocados OBRIGATORIAMENTE no saco plástico. Caso essa exigência seja descumprida, o candidato será excluído do concurso.
10. O tempo de resolução das questões, incluindo o tempo para a transcrição na folha de versão definitiva, é de 2 horas e 30 minutos.
11. Ao concluir a prova, permaneça em seu lugar e comunique ao aplicador de prova. Aguarde autorização para entregar o caderno de prova, a folha de versão definitiva e a ficha de identificação.

FILOSOFIA

DURAÇÃO DESTA PROVA: 2 horas e 30 minutos

NÚMERO DE INSCRIÇÃO

TURMA

NOME DO CANDIDATO

ASSINATURA DO CANDIDATO

CÓDIGO

O texto a seguir é referência para as questões 01 e 02.

- A mesma grandeza, vista de perto e de longe, não nos parece igual.
- Não parece.
- E os mesmos objetos parecem curvos e retos, para quem os vê na água, e côncavos e convexos por causa da ilusão ótica que as cores produzem, e é evidente que toda essa perturbação está em nossa alma. É agindo sobre essa fraqueza de nossa natureza que a pintura em claro-escuro nada fica a dever à arte do charlatão, como também o ilusionismo e muitos expedientes como esses.
- É verdade.
- Será que a medida, o cálculo e o peso não são vistos como recursos ótimos para que não prevaleça em nós o que parece maior ou menor, mais numeroso ou mais pesado, mas a parte que calcula, que mede ou pesa?
- Sem dúvida.
- Mas, por certo, isso seria obra da razão que há em nossa alma.
- Obra dela, sim.
- Quando alguém mede muitas vezes e indica que umas coisas são maiores ou menores que outras ou iguais, parece-lhe que as mesmas coisas são, ao mesmo tempo, contrárias.
- Sim.
- Não afirmamos que a mesma parte [da alma] não pode ter, ao mesmo tempo, opiniões contrárias sobre as mesmas coisas?
- E nossa afirmação é correta.
- Ah! A parte que julga sem levar em conta a medida não seria a mesma que julga segundo a medida.
- Por certo, não seria.
- Mas a parte que dá crédito à medida e ao cálculo é a melhor parte da alma.

(Platão, *A República*. Livro X, 602c-603a. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 392 – Tradução ligeiramente modificada.)

01 - O texto apresenta uma descrição da relação entre o sujeito que percebe e o objeto observado. Caracterize esse sujeito.

02 - Identifique a fundamentação apresentada por Platão para a afirmação de que uma das partes da alma é melhor do que a outra.

O texto a seguir é referência para a questão 03.

Os homens trilham os caminhos que levam à glória e à riqueza de formas diversas: uns são cautelosos; outros manhosos; alguns, pacientemente e, outros, precipitadamente. E mesmo por caminhos diferentes, todos podem atingir seus objetivos. Vê-se, outrossim, que entre dois cautelosos, um chega ao que almeja e outro falha, bem como dois, igualmente cautelosos, podem triunfar usando métodos diversos, um a cautela e outro a impetuosidade. Isto se deve às circunstâncias do momento, as quais se conformam ou não com o procedimento de cada um. Daqui se conclui, conforme eu disse, que dois, agindo diversamente, podem chegar ao mesmo resultado vitorioso, enquanto que dois operando de forma idêntica, um triunfa e outro fracassa. Dependem daí também as diferenças do êxito, porque se alguém administra com paciência e cautela, e a época e as coisas se apresentam de tal modo favoráveis, o seu governo será bom e feliz, mas se as circunstâncias mudarem ele se arruína porque não muda o seu comportamento. Não há homem tão sábio que se conforme às mudanças, quer porque não pode contrariar sua natureza, quer porque tendo progredido dentro de um certo sistema não se sente seguro em trocá-lo por outro. O homem naturalmente calmo, quando chega o momento de ser impetuoso não o consegue e isto o derrota, porque se mudasse sua natureza conforme a época e os fatos, não mudaria sua sorte.

(Maquiavel, *O Príncipe*, Capítulo XXV.)

03 - Comente a relação que Maquiavel estabelece entre a natureza dos indivíduos e as circunstâncias, para se atingirem os objetivos visados.

O texto a seguir é referência para as questões 04 a 06.

Descartes escreve, na sexta parte do Discurso do Método:

“Jamais notei (...) que, por meio das disputas que se praticam nas escolas, alguém descobrisse alguma verdade até então ignorada, pois enquanto cada qual se empenha em vencer, exercita-se bem mais em fazer valer a verossimilhança do que em pesar as razões de uma parte e de outra parte; e aqueles que foram por muito tempo bons advogados nem por isso são, em seguida, melhores juizes (...)”

Com base nesse texto, responda:

04 - Descartes avalia as disputas praticadas nas escolas segundo a capacidade dessas disputas de conduzir a um certo resultado. Qual? Como Descartes avalia a capacidade dessas disputas de conduzir ao resultado em questão?

05 - O texto compara duas atividades. Identifique-as, comentando a relação entre elas.

06 - Explique, na linha de raciocínio apresentada no texto, por que o fato de alguém ter sido um bom advogado por muito tempo não garante que se torne melhor juiz.

O texto a seguir é referência para a questão 07.

- A respeito de cada objeto há três artes: a que visa ao uso, a que visa à fabricação e a que visa à imitação?
- Sim.
- Então a virtude, a beleza, a correção de cada utensílio, animal ou ação não visa senão ao fim a ele destinado por quem o criou ou pela natureza?
- É isso.
- Ah! Não há como evitar que o usuário de cada utensílio seja o mais experiente e seja ele quem diz ao fabricante que resultados, bons ou maus, consegue no uso que dele faz. O flautista, por exemplo, informa o fabricante de flautas sobre as flautas que o ajudam quando flauteia e diz-lhe como deve fabricá-las, e ele o atende.
- Sem dúvida.
- Então, conhecedor que é, um presta informações sobre boas e más flautas e, por ter confiança nele, o outro o atenderá?
- Sim.
- Ah! A respeito de um mesmo objeto, o fabricante terá um crédito merecido sobre o que ele tem de bom ou de mau, porque convive com quem sabe e não pode deixar de dar-lhe ouvidos, mas o usuário terá ciência.
- É bem isso.
- É usando-os que o imitador saberá se os objetos que pinta são belos ou não são, se são bem-feitos ou não, ou sobre eles terá uma opinião correta, porque necessariamente tem contato com os que os conhecem e por eles é instruído a pintá-los como é preciso?
- Nem uma coisa nem outra...
- Ah! O imitador não terá nem ciência nem opinião correta sobre o que pinta. Quanto à beleza ou má qualidade dela.
- Parece que não.

(Platão, *A República*. Livro X, 601d-602a. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 390–91.)

07 - A qual das artes mencionadas no texto cabe a primazia no julgamento dos objetos? Com suas palavras, justifique sua resposta.

Os textos citados a seguir são referência para a questão 08.

Trecho 1

Portanto, os príncipes italianos que durante muitos anos possuíram Estados e depois os perderam, não devem se voltar contra a sorte, mas sim lamentar-se da própria incapacidade. Porque como nunca pensaram, nos tempos tranquilos, que as coisas podem mudar (é natural dos homens não pensarem na tempestade nas horas de bonança), quando surge a adversidade tratam de fugir e não de defender-se, na expectativa de que o povo, cansado com a insolência dos invasores, reclame a sua volta. Tal atitude só é boa quando é a única; mas é má quando se pode optar por outra. Ninguém deve se deixar abater na esperança de que outro o socorra. Isto não acontece. E se acontecer não oferece segurança a quem usou desse expediente, por ser o mesmo aviltante e depender de favor alheio.

(Maquiavel, *O Príncipe*, Capítulo XXIV.)

Trecho 2

Voltando agora ao tema de “ser temido ou amado”, direi que o amor dos homens depende deles enquanto o temor depende da vontade do príncipe e que, assim sendo, um príncipe sábio deve preferir o que depende dele e não dos outros, evitando, apenas, ser odiado.

(Maquiavel, *O Príncipe*, Capítulo XVII.)

08 - O que há em comum nos conselhos que Maquiavel oferece ao Príncipe nos dois trechos acima?

O texto a seguir é referência para as questões 09 e 10.

Sabemos que o pensamento clássico não dá muita atenção ao animal, à criança, ao primitivo e ao louco. Lembramos que Descartes não via no animal nada além de uma soma de rodas, alavancas, molas, enfim, de uma máquina; (...) Para o pensamento clássico, existe uma razão de direito divino que efetivamente concebe a razão humana como reflexo de uma razão criadora (...)

Com certeza, nem o mundo da criança, nem o do primitivo, nem o do doente, nem, com mais razão ainda, o do animal, na medida em que podemos reconstituí-lo por sua conduta, constituem sistemas coerentes, enquanto, ao contrário, o mundo do homem sadio, adulto e civilizado esforça-se por conquistar essa coerência. Porém, o ponto essencial é que o mundo não tem essa coerência, ela permanece uma ideia ou um limite que de fato jamais é atingido e, conseqüentemente, o 'normal' não pode fechar-se sobre si, ele deve preocupar-se em compreender as anomalias das quais não está totalmente isento. (...)

O pensamento adulto, normal e civilizado é preferível ao pensamento infantil, mórbido ou bárbaro, mas com uma condição, a de que não se considere pensamento de direito divino, que se confronte cada vez mais honestamente com as obscuridades e as dificuldades da vida humana, que não perca contato com as raízes irracionais dessa vida e finalmente que a razão reconheça que seu mundo também é inacabado.

(Merleau-Ponty, *Conversas* - 1948. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 31-35.)

09 - Explícite o papel da coerência na reflexão de Merleau-Ponty acerca do pensamento no trecho citado.

10 - Aquilo que distingue o pensamento do sadio, adulto e civilizado do pensamento da criança, do primitivo e do doente pode também colocar o pensamento adulto em uma situação inadequada. Explique.
